HORTA ESCOLAR COMO PRÁTICA EDUCACIONAL

DONATA DE CÁSSIA MARINHO

RESUMO
A unidade familiar, as instituições educacionais e a comunidade partilham a tarefa de promover a adoção de um estilo de vida saudável pelas crianças, capacitando-as a alcançar uma harmonia nutricional e a assegurar um bem-estar que reverberará positivamente durante a adolescência e a fase adulta. Os tutores desempenham uma função vital em orientar as escolhas alimentares, determinando os alimentos, o local e o tempo apropriados para a ingestão, ao mesmo tempo em que encorajam a autonomia da criança e demonstram respeito pelo ambiente circundante. É crucial, portanto, apresentar alternativas atrativas e ricas em nutrientes para permitir que as crianças construam uma dieta adequada e equilibrada. A presença de uma horta escolar visa primordialmente integrar múltiplas fontes e ferramentas de aprendizado. Ao inserir a horta no cotidiano escolar, ela se torna uma fonte de observação e pesquisa, demandando uma reflexão contínua por parte dos educadores e dos estudantes envolvidos.

Palavras-chave: Alimentos; Harmonia Nutricional; Vida Saudável.

INTRODUÇÃO

Os mantimentos contêm elementos vitais para a execução das tarefas cotidianas como caminhar, correr, laborar, estudar e outros. Tais elementos são denominados nutrientes. Existem cinco categorias de nutrientes: glicídios, proteínas, gorduras, vitaminas e minerais. Considerando que os diversos nutrientes estão presentes em variados alimentos, e que alguns são mais cruciais para o nosso organismo, devendo ser ingeridos em maior quantidade do que outros que podem ser prejudiciais em excesso, numerosas pesquisas já foram realizadas e comunicadas.

Uma maneira simples de compreender o que devemos e podemos ingerir é apresentada na forma de uma pirâmide, conhecida como Pirâmide nutricional. A pirâmide incorpora três princípios das Diretrizes de Escudero. Pedro Escudero, médico argentino que elaborou um conjunto de normas simples com o propósito de guiar pessoas a consumir uma alimentação saudável (Nutrição em prática, 2009).

Princípio da quantidade: A comida deve atender às demandas energéticas do organismo e manter equilibrado o seu balanço.

Princípio da qualidade: A dieta deve ser abrangente em composição, para fornecer ao organismo, uma unidade indivisível, todas as substâncias que o integram.

Princípio da harmonia: A quantidade dos vários nutrientes que compõem a dieta deve manter uma relação proporcional entre si. Nosso organismo metaboliza adequadamente os nutrientes quando estão presentes em proporções adequadas.

Consumir apenas frutas e vegetais, por exemplo, não equivale a uma dieta saudável, é essencial combinar alimentos de forma a garantir equilíbrio.

O contato com o ambiente natural representa uma experiência altamente enriquecedora para jovens e adolescentes. A Organização Mundial da Saúde (1997) estipula que uma das maneiras mais eficazes de fomentar o bem-estar é por meio do ambiente educacional. Isso se justifica pelo fato de que a escola constitui um ambiente social primordial, no qual várias pessoas interagem, aprendem e colaboram, sendo o local no qual alunos e professores passam a maior parte de seu tempo.

Adicionalmente, é na esfera escolar que os programas de instrução e saúde podem ter um impacto mais significativo, proporcionando benefícios aos estudantes durante a infância e a adolescência. Os educadores se transformam em modelos positivos para os alunos, suas famílias e a comunidade em geral.

No espaço educativo, uma horta pode atuar como um ambiente dinâmico que viabiliza a execução de múltiplas práticas educativas em sustentabilidade e nutrição, combinan-

do conceitos e aplicações de forma situada, contribuindo para o processo de aquisição de conhecimento e fortalecendo vínculos por meio do fomento à colaboração e cooperação entre os intervenientes sociais presentes. (MORGADO, 2006. p.1).

A educação e a promoção de comportamentos saudáveis devem ser incentivadas em jovens, pois é durante os primeiros anos que moldam seus padrões, como, por exemplo, hábitos alimentares e atividade física, desempenhando um papel crucial na instrução sobre saúde.
A dieta de cada pessoa deve seguir os Princípios Nutricionais (SILVA, 1999), considerando a qualidade e quantidade dos alimentos nas refeições, bem como a compatibilidade entre eles e sua adequação nutricional. Uma alimentação que não respeite esses princípios pode resultar em ganho de peso e carências de vitaminas e minerais (SILVA, 1998).
Ao estabelecer um jardim na instituição educacional, docentes de todas as disciplinas terão a chance de dispor de um ambiente diversificado para atividades didáticas. Eles podem utilizar a abordagem interdisciplinar para criar projetos sobre alimentação saudável, permitindo aos alunos explorar melhor os alimentos e experimentá-los na cozinha ou no lanche escolar, contribuindo assim para a promoção da saúde.
Todas as áreas de estudo podem se enriquecer de alguma forma com um jardim ou horta na escola. Por exemplo, na matemática, os educadores podem vincular o tempo de crescimento, floração e frutificação com o progresso dos alunos. Em língua portuguesa, podem propor temas de redação relacionados ao consumo de frutas e vegetais. Na história, podem abordar as origens dos nomes de alimentos, seus usos na medicina popular, e na geografia, podem explorar as frutas e vegetais característicos de cada região do país, resgatando a riqueza culinária regional.

A HORTA ESCOLAR

O produto biológico não é meramente um artigo cultivado sem a utilização de fertilizantes químicos e pesticidas. Trata-se de um artigo puro, saudável, proveniente de um método de cultivo que segue as leis naturais, onde toda a gestão agrícola é baseada no respeito ao ambiente e na conservação dos recursos naturais, promovendo a diversidade biológica.
O solo é a base da produção agrícola orgânica, com vários resíduos sendo reintegrados ao solo.
Ao criar uma plantação, o instrutor deve selecionar um local apropriado, que receba luz solar direta durante a maior parte do dia, especialmente de manhã, e estar próximo a uma fonte de água para uma adequada irrigação. A participação de todos os alunos na plantação é essencial, distribuindo responsabilidades por tipo de planta para cada turma. O docente decide como obter as mudas e sementes.
É crucial escolher um local adequado, com exposição direta à luz solar por grande parte do dia, especialmente pela manhã. Certifique-se de que haja disponibilidade de água para a irrigação das plantas. Além disso, o local deve estar afastado de banheiros e esgotos, isolado do tráfego de pessoas e animais.
Após a escolha do local, a preparação do solo para o plantio é fundamental. Nesta fase, é necessário nivelar o terreno, desfazer torrões de terra e marcar os canteiros com o auxílio de cordas ou estacas, mantendo o espaçamento das covas conforme a planta a ser cultivada.
A remoção de ervas daninhas e a adubação do solo com fertilizantes naturais (resíduos vegetais e animais, como cascas de frutas, restos de culturas, borras de café, folhas, esterco, entre outros) são importantes.
Se não houver espaço disponível para um jardim, é possível criar um usando garrafas PET, permitindo ao professor abordar o conceito de sustentabilidade e promover discussões sobre o tema.

A horta destaca-se como um método de administração ambiental, empregando várias estratégias para prevenir o esgotamento dos recursos e preservar a variedade de vida presente no planeta. Um outro ponto relevante é a chance de uma operação produtiva que cria alimentos com excelente valor

nutricional, sem recorrer a substâncias químicas que possam ser prejudiciais à saúde de humanos e animais. (JASKULSKI; MATTIA; TERRA, 2015, p. 59)

Por meio de abordagens educacionais apropriadas ao labor, concepção e progresso da horta educativa em instituição de ensino pública, nota-se que também se estimula a variedade de formas de aprendizagem e compreensão, permitindo a obtenção de novos saberes, onde todos, por meio de investigação e execução, podem se engajar em uma atividade dinâmica, que promove o ensino de disciplinas científicas, incentivando a pesquisa e discussão de assuntos como ecossistema alimentar, uso eficiente, colaboração, conduta e facilitando o avanço do método de ensino-aprendizagem, por meio da prática, além de fomentar princípios sociais como envolvimento, consciência de dever, interação interpessoal e sensibilização em relação aos problemas atuais.
Os estudantes se tornam capazes de debater e analisar as maneiras mais apropriadas de manter um ambiente saudável, além de adquirir uma maior atenção com a alimentação e a limpeza. Em suma, além de contribuir positivamente para a relação entre ser humano e meio ambiente, transforma a escola nesse contexto em um ambiente democrático, comprometido com a redescoberta e construção de princípios essenciais para a formação do cidadão engajado.

O ENSINO DA CIÊNCIA E A HORTA

A edificação de um jardim escolar representa uma ferramenta significativa para o ensino científico, uma vez que aborda os temas específicos da disciplina, como a análise da constituição de elementos nutritivos tanto do solo quanto dos vegetais cultivados no jardim.
Segundo Gadott:

Uma área verde reduzida, um canteiro de plantas, um pedaço de terra, é um universo em miniatura de toda a natureza. Nele estão presentes formas de vida, recursos vitais, processos biológicos. A partir desse espaço, podemos redefinir o nosso programa educativo. [...] ao construí-lo e cuidar dele, podemos adquirir uma série de aprendizados. Ele nos transmite os valores da conexão emocional com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os princípios da paciência, da persistência, da originalidade, da adaptação, da transformação, da renovação. (GADOTTI, 2003, p. 62).

O estabelecimento de um jardim escolar oferece aos estudantes a desafiadora missão de transcender as limitações das aulas teóricas, promovendo o seu crescimento por meio de atividades práticas em um ambiente real, o que facilita a assimilação dos conceitos científicos. Além de se concentrar na rotina diária do aluno, as atividades práticas emergem como a abordagem mais eficaz para internalizar os conhecimentos adquiridos em sala de aula.
O corpo de conhecimento escolar se fortalece e se expande à medida que são proporcionadas situações específicas para praticar o aprendizado, permitindo que os alunos atribuam novos significados aos conceitos aprendidos durante o processo educativo (VYGOTSKY, 1996).
Na mesma linha, as práticas envolvendo o jardim da escola podem atuar como um recurso para conscientizar os alunos sobre os desafios globais enfrentados. De fato, a escola deve ser um dos primeiros lugares a adotar a consciência ambiental da comunidade, assumindo parte da responsabilidade de aprimorar a qualidade de vida da população, por meio da divulgação e sensibilização (SEGURA, 2001).
De acordo com a narrativa de Morgado (2006), a introdução de uma área verde na escola estabelece um ambiente dinâmico que facilita a realização de atividades educativas em ecologia e nutrição, integrando conceitos teóricos e práticos de maneira contextualizada, contribuindo para o processo de aprendizagem e fortalecendo as relações por meio da promoção do trabalho conjunto e colaborativo entre os membros da comunidade escolar envolvidos. Em síntese, além de abordar os temas do currículo, a criação de um espaço verde na escola estimula os alunos a pensar de forma coletiva, evidenciando, assim, a relevância das interações sociais e profissionais no ambiente

educacional.
A falta de conhecimento dos estudantes acerca da natureza e a ausência de ações para abordar a Educação Ambiental, Alimentar e Sustentável são observadas nas instituições de ensino (PANTOJA, 2013). Logo, promover a consciência e incentivar estilos de vida saudáveis devem ser prioridades fundamentais das escolas, com o intuito de formar adultos mais conscientes e interessados nessas áreas.
Com o intuito de atingir tais metas, é viável criar espaços naturais nas escolas, cujas áreas podem ser utilizadas para fomentar hábitos alimentares saudáveis e proporcionar vivências únicas no processo educacional e no desenvolvimento dos indivíduos. Através das áreas verdes, é possível integrar teoria e prática, resultando em benefícios significativos para a formação dos alunos, oferecendo uma ferramenta valiosa para o ensino e a promoção de abordagens críticas que incentivam a aprendizagem e a interação social, tanto entre os estudantes quanto com os demais intervenientes educacionais (MORGADO, 2008).
Os jardins se transformam em um recurso educativo de grande relevância nas escolas, especialmente por permitirem a exploração de diversas temáticas em um "ambiente real", que ao final de cada etapa servirá como fonte de alimento para a própria comunidade escolar. Adicionalmente, um jardim ativo na escola pode engajar a comunidade no ambiente educativo. Conforme Barbosa (2007), os jardins escolares representam uma maneira de cumprir o papel crucial da escola na promoção de estudos relacionados a questões ambientais, nutricionais e alimentares, visando aumentar a produção de alimentos saudáveis na região, o que pode integrar a comunidade e impactar nos indicadores de desempenho dos alunos na escola.
De acordo com as atuais orientações para o ensino da disciplina matemática, é crucial contemplar uma diversidade de métodos educativos como um fator que facilita a instrução, incorporando o conceito de interdisciplinaridade como um princípio fundamental do processo educacional, fomentando a fusão dos saberes escolares e a contextualização do conhecimento com base na realidade sociocultural dos estudantes, levando em consideração as particularidades individuais de cada aluno. Dentro desse contexto, o esforço conjunto se torna crucial para potencializar as múltiplas aptidões das crianças, com o intuito de capacitá-las a se tornarem agentes ativos em suas comunidades.
Com essa meta em mente, foi elaborado o presente plano educacional com o propósito de aprimorar o ensino de matemática por meio de atividades relacionadas à implementação de um espaço educacional ao ar livre. Torres destaca a relevância de explorar novas metodologias de ensino:

Apesar das diferenças, são comumente identificados quatro grandes correntes ideológicas em currículos educativos: a) a corrente acadêmico-escolar, associada à pedagogia convencional; b) a corrente da eficiência social (ligada à abordagem conhecida como "tecnologia educacional"), que entende a qualidade da educação como eficiência, e a eficiência como desempenho acadêmico; c) a corrente da reconstrução social, alinhada à teoria crítica do currículo, que relaciona qualidade com pertinência, centrando a questão da pertinência em torno das demandas sociais à educação; e d) a corrente do estudo da criança (focada na pessoa), que enfatiza a singularidade da pessoa nos processos e mudanças individuais (TORRES, 1994, p. 16).

Levando em consideração essas observações, pretende-se questionar os conteúdos de Matemática e a interação humana com o ambiente ao trabalhar com o jardim didático, o que exigirá uma abordagem fundamentada nos conhecimentos de outras disciplinas, visando desenvolver iniciativas ambientais na escola, através da análise das características ambientais locais, bem como, incorporar um embasamento científico e estabelecer uma conexão com o conhecimento prévio dos alunos.
Neste contexto, menciona-se as contribuições de que em sua obra “Epistemologia Ambiental”, ressalta a relevância da conexão dos saberes:

Apesar de a questão ecológica demandar a integração de conhecimentos e uma reconfi-

guração do saber, as abordagens sistêmicas, abrangentes e multidisciplinares, limitadas à reestruturação do conhecimento existente, são inadequadas para atender essa necessidade de saberes. Embora a abordagem epistemológica de uma integração de disciplinas possa examinar os problemas teóricos decorrentes das inter-relações entre diferentes fenômenos materiais, a problemática ecológica carece de novos conhecimentos teóricos e práticos para sua compreensão e resolução. Assim, a problemática ecológica provocou mudanças teóricas e avanços no conhecimento em diversas áreas científicas. (LEFF, 2010, p. 84)

O autor prossegue com sua argumentação descrevendo o que ele chama de progresso das Ciências:

A interdisciplinaridade pode ser descrita como um procedimento de interação entre distintos domínios e setores do saber científico, nos quais uns transferem metodologias, conceitos, terminologias e até mesmo corpos teóricos completos para outros, que são integrados e assimilados pela área receptora, promovendo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico da evolução das ciências. (LEFF, 2010, p. 84).

O envolvimento ativo dos estudantes nas tarefas é crucial para o sucesso do empreendimento, devido à urgência da utilização real dos princípios científicos de Biologia nos projetos de criação, cultivo e cuidado do jardim da escola. Assim, a liderança dos estudantes proporcionará um frescor e importância renovados à sequência pedagógica elaborada neste plano.

O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Para Leff (2005, p.19). "o progresso sustentável foi caracterizado como um procedimento que favorece as exigências da população presente sem prejudicar a habilidade de atender as próximas gerações". Esta ideia aborda uma série de fatores que se conectam, unindo as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais. Conforme Gadotti (2010, p.46), sustentabilidade ultrapassa a conservação dos recursos naturais e a viabilização de um progresso sem danos ao meio ambiente.

Deste modo, para preservar nosso planeta, é essencial desenvolver técnicas de ensino-aprendizagem direcionadas à interação homem/natureza como indivisíveis, conscientes da proteção do ambiente. Segundo Capra:

[...] um sistema de educação para a vida duradoura, baseado na instrução ecológica, destinado às instituições de ensino fundamental e médio. Esse sistema inclui um método educacional cujo foco é a compreensão da vida; uma vivência de aprendizado no mundo real (cultivar um jardim, explorar uma nascente, recuperar um manguezal), que transcende nossa separação da natureza e reaviva em nós um senso de pertencimento; e um programa educacional no qual as crianças aprendem os princípios essenciais da vida de que os resíduos de uma espécie são os recursos de outra; que a matéria circula continuamente pela teia da vida; que a energia dos ciclos ecológicos provém do sol; que a diversidade garante a sobrevivência; que a vida, desde seus primórdios há mais de três bilhões de anos, não dominou o planeta pela violência, mas pela formação de redes. (CAPRA, 2005, p.240).

Neste contexto, torna-se cada vez mais imperativo que a instituição educacional, como portadora de conhecimento, inicie uma nova abordagem para incentivar a compreensão do real significado do Desenvolvimento Sustentável e da Sustentabilidade. Orientando os educandos a reconhecer as discrepâncias e a necessidade de novas práticas ambientais. Quais métodos e tecnologias educacionais podem ser adotados para promover mudanças em direção aos novos conceitos? Com essas indagações, buscamos capacitar nossos alunos a conceituar essa nova linguagem, porém com total compreensão do significado incrivelmente amplo.

Professores e a equipe administrativa devem desenvolver estratégias que levem os alunos a compreenderem que o Desenvolvimento Sustentável é um modelo equilibrado em termos econômicos, políticos, sociais,

culturais e ambientais, que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades.

É sabido que a instituição educacional desempenha um papel crucial na vida dos indivíduos durante o período de aprendizagem. Embora não tenha o poder de alterar a estrutura da sociedade, tem a capacidade de se tornar não apenas um local de reprodução, mas também um espaço de transformação ao compartilhar projetos com setores sociais que abraçam os princípios democráticos e se articulam com eles (BRASIL, 2007, p. 23).

De acordo com as reflexões de Souza e Galiazzi:
Existe um consenso em relação à Educação Ambiental, onde se almeja que as escolas se transformem em ambientes propícios para a integração de ações internas e externas à sociedade. Elas devem priorizar a construção de valores, questionando o enfoque excessivo em informações e conceitos, e devem seguir caminhos educativos baseados no diálogo, respeito ao próximo, cooperação, solidariedade e coletividade. Nessa ótica, a Educação Ambiental implica em assumir a escola como um espaço privilegiado para discutir questões que promovam uma melhor compreensão e apropriação de significados acerca das relações entre seres humanos e o ambiente (2007, p. 299).

A legislação nacional, por meio da lei federal n°6938 de 1981, estabeleceu a "Política Nacional do Meio Ambiente" (PNMA), que ressalta a importância da Educação Ambiental ser integrada em todos os níveis de ensino. A Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, afirma em seu artigo 225 que: “todos têm direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial para uma qualidade de vida saudável, impondo ao poder público e à coletividade o dever de protegê-lo para as atuais e futuras gerações”. (BRASIL, 1988, p. 36).
Nesse cenário, o conceito de "Desenvolvimento Sustentável" é definido como aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades (CMMAD, 1987, p.44). Sachs (2008) enfatiza que o desenvolvimento sustentável se fundamenta em cinco pilares: o social, o ambiental, o territorial, o econômico e o político. Ao observar as comunidades tradicionais, conforme Castelnou (2008), percebe-se que as sociedades verdadeiramente sustentáveis possuem um profundo conhecimento do meio ambiente local, integrando-o à sua cultura e atuando dentro dos limites de suporte do ecossistema.
Portanto, o desafio crucial para o progresso de uma região não está apenas em alterar as rotinas das pessoas, mas sim em transformar as mentalidades dos agentes envolvidos na construção de uma sociedade. Esse movimento destaca a batalha contra uma forma de dominação sutil que permeia a história ao longo de várias gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância da horta escolar como ferramenta educacional, é evidente que sua implementação vai além de simplesmente cultivar vegetais. A horta torna-se um espaço vivo de aprendizado, onde os alunos têm a oportunidade de se envolver de forma prática e significativa com conceitos interdisciplinares.
Ao participar ativamente do plantio, cuidado e colheita, os estudantes desenvolvem não apenas habilidades práticas, como também adquirem conhecimentos sobre sustentabilidade, nutrição, ciências naturais e responsabilidade ambiental. Essa experiência sensorial e prática não apenas complementa o currículo escolar, mas também estimula a conexão dos alunos com a natureza e os processos de produção de alimentos.
Além disso, a horta escolar promove a consciência sobre a importância da alimentação saudável e do consumo de produtos locais e frescos. Os alunos têm a oportunidade de experimentar o ciclo de vida dos alimentos, compreendendo a importância da biodiversidade e da preservação ambiental.
Portanto, ao incentivar a integração da horta escolar como prática educacional, as escolas não apenas enriquecem o aprendizado dos alunos, mas também contribuem para

a formação de cidadãos mais conscientes, sustentáveis e engajados com questões ambientais e de saúde. Esta abordagem holística e prática da educação pode ter um impacto significativo no desenvolvimento pessoal e social dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com uma perspectiva mais ampla e informada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alimentação Correta. Conheça as Leis da Alimentação. Artigo Disponível em: <http://www.nutricaoempratica.com.br/alimentacao-correta/conheca-as-leis-da-alimentação. Acesso em 30 ago.2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil – Brasília, 1998. BRASIL. LEI n° 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999.

BARBOSA, N. V. S. Caderno 1: horta escolar dinamizando o currículo da escola. Brasília: FAO, FNDE, MEC, 2 ed., 2008.

CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

CASTELNOU, A. M. N. Por uma cidade sustentável. In: PARANÁ. Educação Ambiental. Curitiba, v. 3, 2008. p.55-62.

CMMAD - COMISSÃO Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - Nosso futuro comum. Relatório elaborado para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) - Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1987.

LEFF, H. Epistemologia ambiental. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 239 p.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GADOTTI, M. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

MORGADO, F.S. A horta Escolar na Educação Ambiental e Alimentar: experiencia do Projeto Horta Viva nas Escolas Municipais de Florianópolis. Florianópolis (SC). 2006 (Monografia).

PANTOJA, T.F. et al. A importância da horta escolar no processo ensino aprendizagem de botânica em uma escola de Macapá, AP. Anais do 64º Congresso Nacional de Botânica. Belo Horizonte, 2013.

SEGURA, D. S. B. Educação Ambiental na Escola pública: da curiosidade ingênua a consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

TORRES, R. M. Que (e como) é necessário aprender? necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares. Tradução de Tália Gugel. Campinas: Papirus, 1994. 158 p. (Educação Internacional do Instituto Paulo Freire).

VYGOTSKY, L. Lev Vygotsky: sus aportes para elsiglo XXI. Caracas: Publicaciones. UCAB. Disponível em:<http://books.google.com.br/books? id=rzgNLg9geq4C&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false >. Acesso em 11 ago.2024.